Museu Goeldi

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

O **Museu Paraense Emílio Goeldi** (inicialmente denominado **Associação Philomática**) popularmente conhecido como **Museu Goeldi**, é uma instituição pública fundada em 1866, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia do Governo Federal,[1] localizada no municipio brasileiro de Belém, capital do estado do Pará.[2][3]

Foi vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, devido possuir acervos de conhecimentos nas áreas de ciências naturais e humanas relacionados à Amazônia, além de promover pesquisas e estudos científicos dos sistemas naturais e culturais da região. É a mais antiga instituição na região amazônica[4] e reconhecido mundialmente como uma das importantes instituições de investigação científica sobre a Amazônia brasileira.

Índice

História
- Museu Paraense
- Naturalista Emilio Goeldi
  - Consolidação das fronteiras e do Museu
  - Luta contra Febre Amarela
  - Reconhecimento internacional

Centro de referência

Bases físicas

Referências

Ver também

Ligações externas

História

O século XIX foi o auge das expedições naturalistas à Amazônia e, com a chegada à região viajantes ingleses, alemães, franceses, italianos, estadunidenses e russos. Em

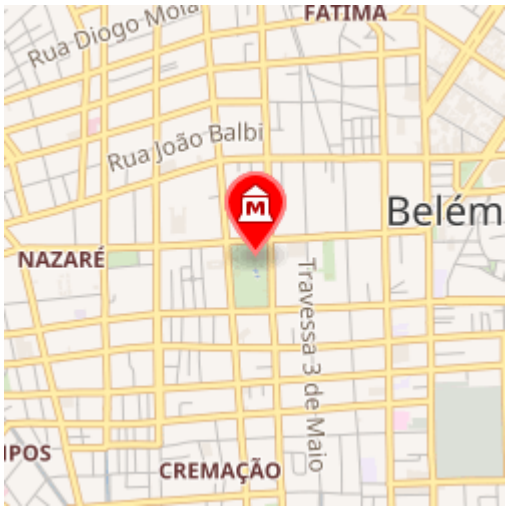
Museu Goeldi

Tipo	museu de história natural, arquivo, museu, editor de acesso aberto
Inauguração	1866 (154 anos)

Website oficial (http://www.museu-goeldi.br)

Geografia

Coordenadas	1° 27' 9" S 48° 28' 35" O



Localidade	Belém
Localização	Belém
País	Brasil

[edite no Wikidata]

1808, a abertura dos portos tornou o Brasil mais acessível aos naturalistas e artistas, que vieram com grande entusiasmo estudar e retratar a natureza amazônica.[4][3]

Em 1866,[5] houve na cidade de Belém a fundação da "Associação Philomática", sob a presidência de Domingos Soares Ferreira Penna (núcleo do futuro museu).

Museu Paraense

A urbanização e o crescimento da cidade, transformou-a em metrópole, onde um dos marcos desta mudança ocorreu em 25 de março de de 1871, quando o Governo do Estado do Pará instalou, oficialmente, o Museu Paraense, e Domingos Soares Ferreira Penna designado seu primeiro diretor. Inicialmente, sua instalação foi precária, com reduzida equipe técnica e falta de apoio às pesquisas, levando as coleções existentes a se perderem com as más condições de conservação. Assim, a produção científica praticamente resumiu-se aos próprios trabalhos do presidente da instituição, sobre Geografia, Arqueologia e outros assuntos. Em 1889, com a morte do naturalista o museu foi sub-utilizado e em seguida fechado.[2]

Influenciados pela filosofia do Positivismo, os políticos Justo Chermont, José Veríssimo e Lauro Sodré reabriram o Museu Paraense, pois perceberam a importância que o local tinha para a cultura da região.

Naturalista Emilio Goeldi

Em 1893, o governador Lauro Sodré recrutou da cidade do Rio de Janeiro o naturalista suíço, Emílio Goeldi (Émil August Goeldi), demitido do Museu Nacional por questões políticas após a Proclamação da República.[4]

O zoólogo assumiu a direção do Museu com a missão de transformá-lo em um grande centro de pesquisa sobre a região amazônida. Sua estrutura foi modificada para enquadrá-lo aos padrões dos museus de história, sendo contratada uma produtiva equipe de cientistas e técnicos. Em 1895, criava-se o Parque Zoobotânico, mostra da fauna e flora regionais para educação e lazer da população. Em 1896, começou a publicação do Boletim Científico. Grande parte da Amazônia foi visitada, realizando-se intensivas coletas para formar as primeiras coleções zoológicas, botânicas, geológicas e etnográficas. Goeldi contratou o excelente pintor e profundo conhecedor do ambiente amazônico, Ernesto Lohse, que ilustrou o livro "*Álbum de Aves Amazônicas*" (Lohse viria a ser morto, durante a Revolução de 1930, à porta do Museu).[2]

Consolidação das fronteiras e do Museu

Na virada do século, o Brasil consolidava suas fronteiras e nessa ocasião, os limites entre Brasil e França, no norte do Pará, estavam sendo questionados por ambos os países. As pesquisas que o Museu Paraense iniciava na região, levantando dados sobre a geologia, a geografia, a fauna, a flora, a arqueologia e a população, foram decisivas para municiar a defesa dos interesses brasileiros, representados pelo Barão do Rio Branco. Em dezembro de 1900, com intermédio de laudo de Berna, na Suíça, sede do julgamento internacional, o Amapá foi definitivamente incorporado ao território do Brasil. Em homenagem a Emílio Goeldi, o governador Paes de Carvalho alterou a denominação do Museu Paraense, que passou a se chamar Museu Goeldi.[3]

Luta contra Febre Amarela

Desde 1850, a Febre Amarela causava muitas mortes em Belém e dentre suas vítimas, incluíram-se dois pesquisadores recém-chegados da Europa para trabalhar na Seção de Geologia do Museu Paraense. Emílio Goeldi decidiu, então, incorporar-se à luta contra a doença, procurando identificar as principais espécies de mosquitos da Amazônia, bem como o ciclo reprodutivo desses insetos. As pesquisas intensificaram-se a partir

de 1902, quando Goeldi publicou, no Diário Oficial, um trabalho sobre profilaxia e combate à Febre Amarela, Malária e Filariose, antecedendo as recomendações que o médico Oswaldo Cruz faria quando esteve em Belém, em 1910.[4][5]

Reconhecimento internacional

Durante a gestão Goeldi, o Museu ganhou respeito internacional, sendo desenvolvidas pesquisas geográficas, geológicas, climatológicas, agrícolas, faunísticas, florísticas, arqueológicas, etnológicas e museológicas. O papel educacional do museu foi reforçado com o parque zoobotânico, publicações, conferências e exposições. Em 1907, após 13 anos de atividades incessantes em Belém, Emílio Goeldi retirou-se, doente, para a Suíça, onde veio a falecer em 1917 e seu conterrâneo, o botânico Jacques Huber, assumiu a direção do Museu Goeldi, juntamente com o amigo marinheiro Nabor da Gama Junior.

Centro de referência

A Revolução de 1930[3] e o período posterior, marcado pela ditadura de Getúlio Vargas, foi o início da transformação pela qual o Estado brasileiro passaria e as velhas oligarquias agrárias estavam sendo substituídas por uma nova classe, representante do poder industrial. No Pará, o interventor Joaquim de Magalhães Barata nomeou o pernambucano Carlos Estevão de Oliveira para a direção do Museu Goeldi. De acordo com a ideologia do novo regime, caracterizada pelo populismo e pelo nacionalismo, foram recuperadas as dependências do Parque Zoobotânico (principal área de lazer da população) e alterou-se novamente o nome da instituição, para Museu Paraense Emílio Goeldi.

A partir de 1931, através de investimentos regulares, o Parque Zoobotânico tornou-se reconhecido nacionalmente, chegando a abrigar 2.000 exemplares de animais vertebrados e centenas de espécies da região, muitas das quais raras ou pouco conhecidas. Esse reconhecimento foi possível graças à subvenção que o Governo Estadual impôs às prefeituras do interior, obrigando-as a remeter mensalmente animais e parte de sua arrecadação ao Museu Goeldi. Muitas espécies foram reproduzidas em cativeiro com sucesso, em especial répteis e peixes. Somente nos três primeiros anos de coletas sistemáticas, foram descritas cinco novas espécies de peixes, inclusive um gênero novo.

No início dos anos de 1950,[5] durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, o museu foi vinculado ao recém-criado Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), juntamente com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), instalado em Manaus. No dia 7 de dezembro de 1954, José Olympio da Fonseca, diretor do INPA, firmou com o governador do Pará, General Zacarias de Assunção, um Termo de Acordo pelo qual o Museu Goeldi seria administrado e recuperado pelo INPA, durante 20 anos. Com essa medida, o Museu Goeldi pôde, mesmo com dificuldades, intensificar suas pesquisas científicas.

Na década de 1970, a limitação do espaço do Parque Zoobotânico, impedia o crescimento do Museu Goeldi e esse foi o principal motivo para a instalação de um campus de pesquisa, na periferia da cidade, para onde viriam a ser transferidos os departamentos de pesquisa, biblioteca e administração e o campus de pesquisa já é o local principal da realização dos experimentos científicos e da guarda das coleções do museu. O Parque Zoobotânico permanece como uma mostra viva da natureza amazônica e ponto de referência para o programa de educação científica do Museu Goeldi.[3]

Bases físicas

Atualmente, o Museu possui três bases físicas. A mais antiga foi instalada em 1895 numa área de 5,2 ha, atualmente conhecida como Parque Zoobotânico. Localizado no centro urbano de Belém, nele se encontram a Diretoria, as Coordenações de Administração e Museologia, a Assessoria de Comunicação Social e a Editora do Museu. O Parque é, atualmente, uma das principais áreas de lazer da população de Belém, além de ser

Arara-vermelha, uma das aves do museu

utilizado como instrumento de educação ambiental e científica, possuindo cerca de 2.000 árvores nativas da região, como samaúma, acapu e cedro, e 600 animais, muitos deles ameaçados de extinção, como o peixe-boi, a arara-azul, o pirarucu e a onça pintada. Possui ainda, um aquário com uma mostra de peixes e ambientes aquáticos amazônicos e além disso, mantém uma exposição permanente sobre a obra de Emílio Goeldi e as primeiras coleções formadas pelo naturalista. O Parque recebe mais de 400 mil visitantes anualmente, entre moradores de Belém e turistas.[2]

Em 1980, inaugurou-se, nas imediações da cidade, um Campus de Pesquisa com 12 ha, para onde foram transferidas as coordenações científicas (Botânica, Zoologia, Ciências Humanas, Ciências da Terra e Ecologia), a Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, o Arquivo Guilherme de La Penha, o Horto Botânico Jacques Huber e vários laboratórios institucionais.

A mais recente base física, a Estação Científica Ferreira Penna (ECFP), foi inaugurada em 1993, em 33.000 ha da Floresta Nacional de Caxiuanã, município de Melgaço, a aproximadamente 400 km de Belém. A área foi cedida pelo IBAMA e a base foi construída com recursos da Overseas Development Administration (ODA), atual DFID/Reino Unido). A ECFP destina-se à execução de programas de pesquisa e ações de desenvolvimento comunitário nas diversas áreas do conhecimento (há aproximadamente 200 famílias vivendo no interior da floresta e arredores), possuindo excelente infra-estrutura para o desenvolvimento de pesquisas em ambientes de floresta primária, sendo muito visitada por cientistas de instituições nacionais e estrangeiras.[2]

Desde o ano 2000, o Museu Paraense Emílio Goeldi saiu do âmbito do CNPq, ficando subordinado, diretamente, ao Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil.

Referências

1. *Museu Paraense Emílio Goeldi abre concursos para 20 vagas* (http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2012/06/museu-paraense-emilio-goeldi-abre-concursos-para-20-vagas.html), Portal G1, consultado em 12 de setembro de 2014
2. «é mais antiga instituição de pesquisas da região Amazônica» (https://web.archive.org/web/20140511085528/http://educarparacrescer.abril.com.br/atracoes-educativas/museu-paraense-emilio-goeldi.shtml). Site Educar para Crescer - Editora Abril. Consultado em 1 de dezembro de 2014. Arquivado do original (http://educarparacrescer.abril.com.br/atracoes-educativas/museu-paraense-emilio-goeldi.shtml) em 11 de maio de 2014
3. «Museu Paraense Emílio Goeldi» (http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=719&Itemid=192). Site Fundação Joaquim Nabuco. Consultado em 1 de dezembro de 2014
4. «Parque Zoobotânico do MPEG – Museu Paraense Emílio Goeldi» (https://web.archive.org/web/20141222063402/http://www.girafamania.com.br/introducao/zoo_goeldi.htm). sítio GIRAFAMANIA. Consultado em 1 de dezembro de 2014. Arquivado do original (http://www.girafamania.com.br/introducao/zoo_goeldi.htm) em 22 de dezembro de 2014
5. «Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi é reconduzido ao cargo» (http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2014/02/diretor-do-museu-paraense-emilio-goeldi-e-reconduzido-ao-cargo). Portal Brasil - Site do Governo Federal. Consultado em 1 de dezembro de 2014

Ver também

- Bosque Rodrigues Alves
- Mangal das Garças

Ligações externas

- Museu Paraense Emílio Goeldi (http://www.museu-goeldi.br/)

Obtida de "https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Museu_Goeldi&oldid=58811367"

Esta página foi editada pela última vez às 23h56min de 19 de julho de 2020.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons; pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização.